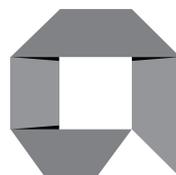


Fábio Ribeiro Mendes

A NOVA SALA DE AULA



autonomia
EDITORA

Porto Alegre, 2012

© 2012 Autonomia Editora
Av. Carlos Gomes, 1998 – sala 1002 | Três Figueiras
CEP: 90480-002 | Porto Alegre, RS
Fone: (51) 3208-1292
editora@autonomiaedu.com.br
www.autonomiaedu.com.br

Coordenação Editorial

Ana Carolina Valls

Revisão

Mônica Zardo e Magda Collin

Capa

Eduardo Nunes

Projeto Gráfico e Diagramação

Felipe Grivicich da Silva / Fluência Comunicação

Impressão

Ideograf

M538n Mendes, Fábio Ribeiro

A nova sala de aula / Fábio Ribeiro Mendes. – Porto Alegre : Autonomia, 2012.

224 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-65717-01.4

1. Educação. 2. Autonomia (Educação). 3. Professores - Formação Profissional.
4. Oficinas Pedagógicas. I. Título.

CDD 370.116

Bibliotecária Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto

CRB 10/1204

*Dedico o livro
a todos que amam lecionar.*

*“O ser humano só pode tornar-se humano
por meio da Educação.”*

Immanuel Kant, Pedagogia, 9:443.

Sumário

AGRADECIMENTOS	8
PREFÁCIO	12
INTRODUÇÃO	17
PARTE I - O DESAFIO DA EDUCAÇÃO	25
1. O DESAFIO DA EDUCAÇÃO	26
a) A Missão de ensinar	28
b) “Estudar é chato!”	38
c) Nossas sementes para o futuro	46
d) Educá-los como? Para onde?	52
e) Obrigação de mudança sem consenso	60
2. TECNOLOGIA, INFORMAÇÃO E INCERTEZA	67
a) Tecnologias em espiral	68
b) Informação em massa	72
c) Trabalho para qual futuro?	77
3. INSTITUIÇÕES DE ENSINO – PARA QUÊ?	83
a) Lógica de funcionamento	84
b) Ensino de conteúdos em xeque	89
c) Necessidade da inovação	92
d) Autonomia no horizonte	98
4. AUTONOMIA E APRENDIZADO	101
a) Liberdade	102
b) Autonomia e escolha	105
c) Heteronomia e medo da culpa	109
d) Desenvolvendo a autonomia	112
e) Autonomia em sala de aula	116
PARTE II - A NOVA SALA DE AULA	119
5. MODELO EXPOSITIVO	120
a) Facilidade e domínio do saber	121
b) Problemas insuperáveis	122
b.1) Alunos diferentes, aula-padrão	123
b.2) Cansaço do aluno (caminhada lenta)	124

b.3) Muitos conteúdos e memorização.....	125
b.4) Desgaste do professor.....	126
b.5) Professor autoritário.....	127
b.6) Aula-espetáculo e tecnologias.....	128
b.7) Papel passivo no aprendizado.....	130
c) Soluções limitadas.....	132
d) Didática falida.....	133
6. MODELO DE OFICINA.....	136
a) Como é uma “oficina de estudo”?.....	137
b)Vantagens da oficina.....	139
b.1) Alunos diferentes, ritmo personalizado.....	139
b.2) Alunos focados.....	140
b.3) Atenção aos que precisam.....	140
b.4) Monitores informais.....	141
b.5) Resgate da autoridade do professor.....	142
b.6) Aula menos desgastante.....	143
b.7) Conteúdos diferentes no mesmo espaço.....	144
b.8) Maior velocidade e resultados palpáveis.....	145
b.9) Possibilidade de interação e criatividade.....	146
b.10) Uso de tecnologias.....	147
b.11) Ferramentas para estudo em casa.....	148
b.12) Papel ativo no aprendizado.....	148
c) Problemas superáveis.....	149
c.1) Dispersão de alunos.....	149
c.2) Matérias exatas.....	150
c.3) Material didático inadequado.....	152
c.4) Falta de acesso a livros ou a cópias.....	153
d) No pior dos casos... ..	153
7. MÉTODO DAS 4 ETAPAS.....	156
a) Apresentação.....	157
b) Por que 4 etapas?.....	159
c) 1ª Etapa: Leitura panorâmica.....	160
d) 2ª Etapa: Marcação.....	162
e) 3ª Etapa: Anotações.....	164
f) 4ª Etapa: Exercícios.....	166
g) Ordem das etapas.....	168
h) Cada um tem seu jeito de estudar.....	170
i) As 4 etapas na Matemática.....	171

8. ORIENTANDO OFICINAS DE ESTUDO	175
a) Seleção do material.....	176
b) Preparação da sala e do quadro.....	177
c) Acompanhando as etapas.....	179
c.1) Para engrenar (1ª etapa).....	180
c.2) Trabalhando o texto (2ª etapa).....	181
c.2.1) Selecionar trechos.....	181
c.2.2) Sublinhar palavras-chave.....	183
c.3) Fazendo registros (3ª etapa).....	184
c.4) Avanço constatado (4ª etapa).....	186
d) Desdobramentos.....	187
9. OFICINAS NO COTIDIANO ESCOLAR	191
a) Dando conta do currículo.....	192
b) Oficinas, interpretação e redação de textos.....	193
c) Oficinas e Projetos interdisciplinares.....	194
d) Oficinas e informática.....	194
e) Avaliação com base em oficinas.....	195
f) Oficinas e pesquisa.....	197
10. REVOLUÇÃO SEM RUPTURA	200
a) Revolução na Educação.....	201
b) Oficinas como instrumentos da revolução.....	205
c) Os passos da revolução.....	206
d) Revolução para professores.....	210
e) Revolução para alunos.....	211
f) Revolução para pais.....	212
g) Revolução para escola.....	212
h) Revolução para Governo e sociedade.....	213
EPÍLOGO	216
REFERÊNCIAS	219

Agradecimentos

Este livro é resultado de um esforço *coletivo*, por isso é indispensável agradecer a todos aqueles que contribuíram para que se tornasse realidade.

Em primeiro lugar, agradeço aos milhares de *alunos*, pela abertura em receber a proposta aqui descrita e pelo incentivo à continuidade do trabalho. Agradeço, também, aos *pais, educadores e diretores* que se permitiram sonhar com este outro horizonte para o ensino. Agradeço aos colégios e a suas equipes de todo o Estado do Rio Grande do Sul, que depositaram sua confiança neste trabalho e, assim, permitiram seu desenvolvimento. São eles: Colégio Israelita, Colégio Farroupilha, Colégio Anchieta, Colégios João Paulo I – Zona Sul, Zona Norte e Higienópolis –, Colégio João XXIII, Colégio Marista Rosário, Colégio Marista Assunção, Colégio Marista Champagnat, Colégio Marista Ipanema, Colégio La Salle Dores, Colégio La Salle Santo Antônio, Colégio La Salle São João, Colégio La Salle Pão dos Pobres, Colégio Salesiano Dom Bosco, I. Maria Auxiliadora, Colégio Bom Conselho, Colégio Santa Família, Colégio Santa Inês, I. Santa Luzia, Colégio Monteiro Lobato,

Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Colégio Estadual Ruben Berta, Colégio Estadual Pres. Arthur da Costa e Silva, E. E. E. M. José do Patrocínio, I. E. Gen. Flores da Cunha, I. E. Dom Diogo de Souza, I. E. Rio Branco, Escola Constructor, Escola Yellow Kids, Colégio Murialdo, Colégio Pallotti, Anglo Vestibulares, Colégio Adventista Marechal Rondon, E. E. E. B. Almirante Bacelar, E. E. E. M. Elpídio Ferreira Paes, Colégio Adventista Sarandi, Colégio Concórdia, Colégio Maria Imaculada, Colégio Adventista Partenon, Colégio Rainha do Brasil, Colégio Sinodal do Salvador, E. E. E. F. Itamarati e E. E. E. F. Osório Duque Estrada, todos sediados em *Porto Alegre*; Colégio São Luís, Colégio São José, Colégio Sinodal, I. E. Parque do Trabalhador e E. E. E. M. Emílio Sander, de *São Leopoldo*; Colégio Marista Graças, E. E. E. M. Prof. Tolentino Maia, E. E. E. F. junto ao Ana Jobim, E. E. E. M. Orieta, I. E. E. Isabel de Espanha, E. E. E. M. Francisco Canquerini e E. E. E. M. Gov. Walter Jobim, de *Viamão*; Colégio Espírito Santo, E. E. E. M. São Francisco de Assis, E. E. E. M. Érico Veríssimo, E. E. E. M. André Leão Puente, E. E. E. M. Prof. Margot Terezinha Noal Giacomazzi, E. E. E. M. Barão do Amazonas, E. E. E. F. Fátima, E. E. E. M. Miguel Lampert, E. E. E. F. Canoas e Colégio Estadual Jussara Maria Polidoro, de *Canoas*; Colégio Fundação Bradesco, Colégio Santa Luzia, E. E. E. M. Padre Nunes, Colégio Estadual Prof. Nicolau Chiavaro Neto e Colégio Adventista Gravataí, de *Gravataí*; Colégio

Adventista Alvorada, Colégio Luterano São Marcos, E. E. E. M. Nossa Senhora Aparecida, Instituto Estadual Nossa Senhora do Carmo, Colégio Estadual Érico Veríssimo, E. E. E. M. Sen. Salgado Filho, Colégio Estadual Antônio de Castro Alves, E. E. E. F. Stella Maris, E. E. E. M. Maurício Sirotsky Sobrinho e E. E. E. M. Campos Verdes, de *Alvorada*; E. E. E. F. Olaria Daudt, E. E. E. F. Antonina Ramires da Silveira, E. E. E. F. Manuel Bandeira, de Sapucaia do Sul; I. E. Manuel de Almeida Ramos, de *Capela de Santana*; Colégio Estadual Doze de Maio, de Três Coroas; Colégio Marista Pio XII e Instituição Evangélica de *Novo Hamburgo*, da cidade que lhe dá nome; Colégio La Salle Esteio e Colégio Adventista *Esteio*, idem; Colégio Adventista *Cachoeirinha*, idem; Colégio Riachuelo e Colégio Marista Santa Maria, ambos de *Santa Maria*; Colégio Mauá, de *Santa Cruz do Sul*; Colégio Marista Roque, de *Cachoeira do Sul*; E. E. E. F. Irmã Branca, Colégio Evangélico Alberto Torres, E. E. E. F. Otília Corrêa de Lima e Colégio Cenecista João Batista de Mello, de *Lajeado*; Colégio Evangélico Alberto Torres, de *Roca Sales*; Colégio Salvatoriano Bom Conselho, de *Passo Fundo*; Colégio Marista Aparecida, de *Bento Gonçalves*; Colégio Marista Imaculada, de *Canela*; Colégio Regina Coeli, de *Veranópolis*; Colégio Cenecista Mário Quintana, de *Encantado*; E. E. E. M. Dante Grossi e I. E. E. Prof. Irmã Teofânia, de *Garibaldi*; I. E. São José, de *Montenegro*; Colégio Sinodal, de *Portão*; Projeto Pescar – Fazenda Ranchinho,

sediada em *Mostardas*. Além desses, agradeço à Prefeitura Municipal de Veranópolis e ao Instituto Unibanco, que financiou diversas dessas iniciativas. Divido com todos o reconhecimento público do trabalho, através do Prêmio Educação RS 2010, oferecido pelo SINPRO/RS, entidade à qual também estendo meu agradecimento.

Agradeço, ainda, à equipe da *Autonomia Soluções em Educação*, começando pelo sócio, amigo e colega Rafael Korman, que aceitou o desafio de tornar real o que antes era sonho, assim como à Ana Carolina Valls, à Alessandra Sebben, ao André Sommer Bertão e ao Eduardo Nunes. O trabalho incansável da equipe possibilitou, além da expansão dos projetos, o tempo necessário para a redação do texto. Obrigado: sintam-se coautores desta obra.

Finalmente, agradeço aos meus amigos e à minha família, que tanto incentiva esta empreitada. Obrigado aos meus pais, Cuco e Susi; à minha irmã, Cris; ao meu querido afilhado, João, e, especialmente, à minha companheira de vida, Elisa, que tanto se entrega à educação de nossas filhas amadas, Gabriela e Giovana, que também recebem abraços e beijos sem fim. Sem tê-la ao meu lado, *nada* disso seria possível.

Todos aqui citados, mesmo que indiretamente, fazem parte deste projeto. Obrigado pelo apoio de todos. Obrigado por aceitarem compartilhar do mesmo sonho.

Prefácio

Aos Professores

Caros colegas, este livro foi escrito pensando no amor e na dedicação dos professores de nosso país a uma causa, possivelmente a maior de todas, a Educação. Nada é mais *fundamental* do que ensinar pessoas a viver em nosso mundo, muitas vezes hostil e duro. Toda produção de conhecimento, toda arte ou ciência se justificam pela possibilidade de levar as pessoas a uma vida melhor, mais justa ou humana. Por esse motivo, não é exagero dizer que a finalidade de todo o fazer humano é educar as próximas gerações. A responsabilidade de ser professor é, portanto, imensa. Nosso trabalho é, por esse mesmo motivo, *apaixonante*.

Lembro-me do momento em que entrei pela primeira vez em uma sala de aula. Fiz a chamada e olhei nos rostos dos alunos. Notei a expectativa nos olhos, curiosos sobre quem eu era, o que iria dizer, qual seria o timbre da minha voz; as pernas agitadas embaixo das classes esperando o sinal do intervalo; os sorrisos entre eles, buscando uma brecha para continuar aquela conversa sobre qualquer assunto. Foi

mágico estar naquele instante no outro lado, à frente da lousa, com a responsabilidade de fazer daquele momento digno de alguma lembrança, nem que fosse pelo *afeto* que sentia por eles. Mal comecei a falar e notei que vontade eu tinha de realmente ensinar-lhes o que sabia. Eles eram plantas em crescimento, buscando sol, água, nutrientes, desenvolvendo-se para suportar a chuva, o vento, a seca. Eu senti que tinha a responsabilidade de fazer o meu melhor. Se eu não estivesse ali, quem estaria? Foi esse sentimento que me fez perceber que eu era um *professor*.

Dei aulas regulares por apenas dois anos, sendo professor de Filosofia no Ensino Médio. Fiz de todo o coração. Entreguei-me à atividade. Vivi momentos de conquista e de decepção. Senti meu coração sangrar toda vez que precisei retirar um aluno da sala de aula. Surpreendi e fui surpreendido. Tive a felicidade de fazer ótimas amizades e ver os alunos crescendo com o que ensinava, mas a tristeza de ver alguns ficando pelo caminho.

Paralelamente às aulas regulares, investi no projeto de ensinar aos alunos algo que gostaria de ter aprendido no colégio: *como estudar sozinho*. Escrevi um livro e passei a realizar palestras e oficinas sobre o tema. O crescimento desse trabalho me levou à pesquisa e, após, precisei deixar o colégio prematuramente. Senti a falta daqueles alunos que via todos dias, assim como da fome que tinha por fazer crescer a instituição, de fazer o meu melhor naquele microcosmo

como um modo de lutar por um mundo melhor. Por outro lado, também, ganhei outros alunos, aqueles das diversas escolas onde desenvolvia os projetos, podendo somar meu esforço aos daqueles profissionais que ali batalhavam em seu dia a dia. Tive a oportunidade singular de, em poucos anos, trabalhar com *dezenas* de escolas, das mais *diversas* realidades. Notei que o que levava para essas instituições ajudava no dia a dia de alunos, de pais, de professores e de diretores. Porém, ainda sentia como se tivesse deixado de lado o que eu mais queria ser, professor, até que, em 2010, tive a felicidade de receber do Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (SINPRO/RS) o *Prêmio Educação RS*, na categoria *Profissional!* Essa foi a constatação de que o trabalho poderia, sim, ir ainda *mais* longe, uma vez que era reconhecido pelo sindicato daqueles que *ensinam*.

Tanto percorri que encontrei um sócio, o Rafael, um estudante que havia lido meu primeiro livro e aplicava as ideias ali divulgadas na sua escola do coração. Juntos, levamos este trabalho a mais de 10.000 alunos de cerca de 40 escolas no espaço de apenas um ano. Trata-se de uma aventura que luta contra a maré, ao abordar os alunos ensinando a eles o que eles *dizem odiar*, o *estudo*. A surpresa, porém, é que eles gostam do trabalho. Notei que, ao invés de desmotivados, eles estão com um grau de expectativa tão alto que deságua em insatisfação. Eles esperam da Escola,

mas principalmente dos *professores*, respostas sobre este mundo tão diverso, rápido e desafiador. Eles se entediam e se irritam quando são convidados a aprender os conteúdos que seus pais tiveram e *esqueceram*. Em suma, o trabalho que tenho realizado me permitiu perceber que há, sim, *esperança* de realizar aquilo com o que tanto sonhamos: uma educação de verdadeiro *significado* para os alunos, que os reaproxime do afeto e da dedicação que temos por essa causa.

Este livro é, então, voltado principalmente aos colegas professores. O objetivo é divulgar a possibilidade de realizar aulas segundo uma outra didática, diferente da tradicional exposição: refiro-me ao que tenho chamado de *oficinas de estudo*. Como poderá ser constatado, talvez com surpresa, podemos, sim, modificar o modo como ensinamos os conteúdos se mudarmos a lógica, passando a iniciativa *aos alunos*. Como isso é *possível*, já que se sabe que nunca estiveram tão desmotivados, é tratado ao longo do livro. O que peço é um voto de confiança, uma *abertura* para pensar o novo, uma outra chance para termos esperança no que seria a revolução na Educação.

Convido todos os colegas, professores e professoras a criticar e a desenvolver a prática que aqui apresento, refletindo sobre ela. Acredito que cada professor, mesmo que hoje já esteja calejado por anos de trabalho e de frustrações das mais diversas, tenha dentro de si uma *chama*

de esperança. Apenas ela, a *esperança*, justifica a escolha da profissão. Ser professor envolve acreditar no futuro, na renovação, na capacidade das crianças e dos jovens. Pois o que trago aqui é combustível para a esperança que temos dentro de nós. Deixemo-la queimar, mais e mais forte, até iluminar o caminho de *toda* a sociedade.

Sim, se o assunto é Educação, a iniciativa cabe a nós. Só os professores podem, de fato, modificar o dia a dia das escolas. Vamos construir *juntos* a solução, confiantes na capacidade dos alunos que transborda pelo brilho dos seus olhos.

Introdução

O mundo de hoje apresenta desafios tão novos e imprevisíveis, que se faz necessário *repensar* o modo como educamos as futuras gerações. Nossas escolas, e mesmo as universidades, estruturam suas rotinas em resposta a desafios vividos em outras épocas. Se os desafios *mudaram*, nada mais natural do que modificar a *preparação* daqueles que os enfrentarão. Que *tipo de formação* os futuros membros da sociedade devem ter para viver em um mundo de constante mudança e de incerteza? Será que nossas atuais instituições de ensino são capazes de *proporcionar* tal formação?

A primeira das questões colocadas merece a seguinte resposta: se o futuro é incerto e os desafios se renovam rapidamente, é preciso dar uma formação que leve crianças e jovens a terem um *papel ativo* na construção do seu corpo de conhecimento, *renovando* seus saberes continuamente, segundo a necessidade. Assim, acima e além de conteúdos importantes, a Escola deve ensinar *habilidades*, cultivando a capacidade de *iniciativa* dos alunos em relação à aquisição, à crítica e até mesmo à *produção* de conhecimento.

A segunda das questões, sobre a adequação de nossas atuais instituições à promoção de tal formação, parece merecer, pelo menos à primeira vista, uma resposta *negativa*: apesar do esforço coletivo para encontrar alternativas para reformar a Educação, o que se nota são alunos, professores e pais *insatisfeitos*. A sensação é, na verdade, de que os alunos estão cada vez mais *desmotivados* a aprender; os professores, cada vez mais *soterrados* em demandas diversas, tensos, frustrados; os pais, cada vez mais *perdidos*, diante da missão de educar para um mundo que não conhecem.

As escolas, isto é fato, funcionam segundo uma lógica válida para *outros séculos*, quando havia um senso mínimo de segurança sobre a relevância dos *conteúdos* curriculares como partes da formação adequada dos jovens. Hoje, porém, com a grande renovação tecnológica e o acesso ilimitado à informação, todos percebem que o valor dos conteúdos é *relativo* e que, assim, uma formação centrada na passagem de conteúdos *também* é. Sem a confiança absoluta na capacidade das instituições de ensino em fornecer educação adaptada à sua época, elas gradativamente perdem sentido. As aulas expositivas, requisitadas pelo currículo ancorado em conteúdos, cada vez têm *menos* significado.

O presente livro pretende, de uma forma um tanto pretensiosa, mas embasada na experiência de milhares de estudantes, apresentar uma *alternativa* à didática utilizada em nossas escolas. Por que uma alternativa à

didática? Ora, porque o núcleo do ensino é o *modo* como os professores instruem seus alunos e, se estes precisam aprender atualmente a como conduzir seu próprio processo de aprendizado, é preciso rever o modo como o professor trabalha em sala de aula. Pretende-se oferecer uma didática *oposta* à expositiva – mas que ainda assim a comporta –, que confira aos alunos o poder de iniciativa em relação ao aprendizado dos conteúdos curriculares. Defende-se, aqui, uma reforma *sutil* no cotidiano escolar, de baixo custo e de rápida implementação, mas com reflexos *profundos* e até mesmo *revolucionários*, por atingir diretamente a prática docente e a relação professor-aluno. Trata-se da argumentação em prol da adoção de aulas no modelo de *oficinas de estudo*, ao invés do tradicional modelo expositivo. Tudo ficará mais claro em seu devido tempo.

A forte convicção na necessidade e na possibilidade dessa empreitada vem da *experiência* de trabalho em escolas das mais diversas realidades – particulares, públicas, de grande, médio e pequeno porte, da periferia e do centro, do interior e da capital – ao longo dos últimos 5 anos. Este trabalho surgiu de uma experiência individual de estudo bem sucedida, quando precisei estudar por conta própria para um vestibular concorrido e tive a felicidade de passar nas primeiras colocações, que ganhou corpo quando foi divulgada para alunos em idade escolar. A chave dessa experiência foi a descoberta de que os vários anos passados

na Escola *não são suficientes* para ensinar os alunos a como *estudarem sozinhos*, com autonomia: eles se formam convictos de que só podem aprender diante da presença física de um professor. Propus, então, uma prática para instruir esses alunos sobre como fazer para aprender por conta própria, com livros: forneci um conteúdo inédito aos alunos e orientei-os sobre *método de estudo*, para que eles próprios pudessem experimentar o aprendizado que pode ser obtido com o uso de livros. Para a felicidade de todos, e também surpresa, a proposta recebeu *aprovação massiva* dos estudantes que, aliviados, agradeciam as instruções e perguntavam “por que só agora me ensinaram como estudar?”. Assim surgiram as *oficinas de estudo*.

Os resultados altamente *positivos* das aulas no modo de oficina são tão *amplos* que permitem a esperança na possibilidade *concreta* da tão sonhada revolução na Educação. Dentre esses resultados, estão o maior foco dos alunos, a possibilidade de o professor personalizar seu atendimento, maior velocidade e eficiência das aulas, maior gama de instrumentos avaliativos, postura cooperativa entre professores e alunos e estímulo à iniciativa. O maior dentre todos os resultados, porém, é o resgate do *significado* do trabalho realizado em sala de aula, já que os alunos identificam imediatamente que estão cultivando uma habilidade fundamental para viver no mundo que exige formação, adaptação e aprendizado constante. Os conteúdos

se tornam *meios* para o desenvolvimento desta habilidade essencial: a *autonomia no aprendizado*.

Para que a defesa da adoção das oficinas de estudo seja plenamente justificada, são requisitados *dois* movimentos. O primeiro se resume ao estabelecimento de uma descrição minimamente justa do *desafio* enfrentado hoje na área da Educação. O segundo movimento, que se segue ao primeiro, é a defesa propriamente dita das oficinas de estudo como a *resposta* adequada a esse desafio. São essas, portanto, as partes que compõem esta obra.

A primeira parte do livro trata do *desafio da Educação*. O Capítulo 1 possui o objetivo de descrever minimamente o quadro complexo desse desafio. As perspectivas de professores, de alunos, de pais, de escolas, do Governo e da sociedade civil são consideradas segundo seus argumentos, o que é fundamental para começar a empreitada de um ponto de vista mais *amplo*, evitando o risco de desenvolver soluções parciais, que comprometeriam sua possibilidade de realização.

O segundo Capítulo considera, então, um pano de fundo comum a todas as perspectivas: o fato de viver-se, hoje, em um mundo de *altíssimo* desenvolvimento tecnológico e acesso *massificado* à informação, que provocam, somados, grandes reflexos no *mercado de trabalho*. Constata-se que, de fato, a inserção em tal realidade depende da *capacidade* de aprendizado dos cidadãos e dos trabalhadores, mais do

que a *quantidade* de conteúdos sabidos.

O terceiro Capítulo seguinte trata das instituições de ensino, sua lógica de funcionamento e os motivos que as tornam *incapazes*, no formato atual, de dar conta do desafio levantado. Chega-se ao ponto em que o desenvolvimento da autonomia no aprendizado é identificado como o *horizonte* para a Educação no século XXI.

O Capítulo 4, o último da primeira parte, traz uma base teórica mínima sobre a relação entre *autonomia e aprendizado*, quando se observa ser a autonomia a capacidade do ser humano de agir segundo regras que ele mesmo adota, sendo esse o exercício pleno de sua liberdade, capaz de realizá-lo. A autonomia no campo do aprendizado surge como possível de ser cultivada em sala de aula se os professores puderem proporcionar as etapas necessárias ao seu desenvolvimento. As oficinas de estudo seriam, assim, o modo de trabalhar que proporciona esse desenvolvimento.

A segunda parte do livro apresenta a *defesa das oficinas de estudo* como o modo de trazer aos alunos *a nova sala de aula*. Inicia-se, no Capítulo 5, por uma demonstração da *falência* das aulas expositivas como um meio adequado de estimular a autonomia no aprendizado. Após, no Capítulo 6, as oficinas de estudo são apresentadas em suas cores, em contraste com a aula tradicional. São trazidas à tona suas *vantagens* e chega-se à conclusão de que, no pior dos casos, as oficinas servem como introdução às aulas expositivas

a partir dos questionamentos (ou seja, da atividade dos alunos).

O próximo passo, já no sétimo capítulo, é a exposição do *método de estudo* que serve de base para as oficinas: o Método das 4 Etapas. Em seguida, nos Capítulos 8, 9 e 10, o tema é a técnica para a *orientação* dos alunos nas oficinas, ou seja, como instruí-los a estudar por conta própria um material a partir do método de estudo já referido. Chega-se, então, ao modo como as oficinas de estudo se relacionam com o *cotidiano escolar*, com a exigência de cumprir um currículo, com a existência de projetos interdisciplinares, com as possibilidades de avaliação e com o incentivo à pesquisa dentro da escola, pela Iniciação Científica. Finalmente, o livro culmina com a descrição de como as oficinas de estudo podem ser *instrumentos* para efetivamente *realizar* uma revolução na Educação, quando se discute que tipo de revolução deve ser essa, quais seriam seus passos e, é claro, seus resultados.

O fato é que uma nova era se inaugura com desafios ainda nebulosos, mas que *deverão* ser enfrentados. Quanto maior for o número de pessoas capazes de *individualmente* buscar conhecimento e propor soluções, maiores serão as chances de sucesso *coletivo*. Assim, se *todos* forem formados com uma educação orientada para o desenvolvimento dessas capacidades, a *multiplicação* de mentes e corações unidos em torno dos problemas nascentes será capaz de

fornecer respostas, sempre que elas forem requisitadas.

Este livro é um exercício de reflexão sobre *como* seria possível agregar interesses e demandas tão fortes na área da Educação. Espero que, acima da adequação deste escrito, fique à mostra a necessidade de escutar as *diferentes* vozes que compõem este debate.